



**UNEB- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DCH- DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

TAIARA PEREIRA OLIVEIRA LESSA

**ESTEREÓTIPOS DE BELEZA E FEIURA NO CONTO INFANTIL *A BELA E A
FERA***

**CAETITÉ
2018**

TAIARA PEREIRA OLIVEIRA LESSA

ESTEREÓTIPOS DE BELEZA E FEIURA NO CONTO INFANTIL *A BELA E A FERA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito parcial para obtenção do título curso de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos.

CAETITÉ
2018

TAIARA PEREIRA OLIVEIRA LESSA

ESTEREÓTIPOS DE BELEZA E FEIURA NO CONTO INFANTIL *A BELA E A FERA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito parcial para obtenção do título curso de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado em 02/02/2018.

Banca Examinadora

Ricardo Tupiniquim Ramos – Orientador
Doutor em Letras e Linguística (UFBA)
Universidade do Estado da Bahia

Zoraide Portela – Examinadora
Doutora em Literatura
Universidade do Estado da Bahia

Rozânia Alves Magalhães – Examinadora
Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Português (UESB)
Universidade do Estado da Bahia

Ao meu avô José Fernandes Pereira (*in memoriam*) com todo o meu amor, por plantar em mim a semente da leitura e por acreditar que eu chegaria até aqui antes mesmo de eu própria ter consciência disso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por nunca me desamparar quando precisei.

Aos meus pais, Oscarino e Marcionília, pelo incentivo durante todos esses anos e por serem meu alicerce para que eu chegasse até aqui.

Ao meu orientador, professor Ricardo Tupiniquim, por acreditar no meu trabalho quando eu achava que tudo já estava perdido.

Ao meu esposo Leandro por todo amor, companheirismo e compreensão durante esses árduos anos de luta.

Ao meu filho Matheus, meu maior presente, pelo amor e por ser tão compreensivo apesar de todas as minhas falhas.

À turma de 2013, em especial à Elzenir, pela troca de conhecimento e pela amizade durante todos esses anos.

A todos os meus amigos que torceram por mim e me impulsionaram a chegar até aqui, o meu muito obrigado!

“É muito melhor lançar-se em busca de conquistas grandiosas, mesmo expondo-se ao fracasso, do que alinhar-se com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, porque vivem numa penumbra cinzenta, onde não conhecem nem vitória, nem derrota.” (Theodore Roosevelt)

LESSA, Taira Pereira Oliveira. **Estereótipos de beleza e feiura no conto infantil A Bela e a Fera**. 2017. 27f. Monografia – Licenciatura em Letras. Caetité: UNEB / DCH – Campus VI.

RESUMO

Conto infantil acerca da história de amor de uma princesa e uma fera, lançado em 1757, presente no imaginário de crianças do mundo inteiro, “A Bela e a Fera” ensejou muitas versões e algumas vezes adaptações para o cinema, que fizeram dele um dos contos infantis mais lidos e conhecidos do público. Uma análise um pouco mais funda de sua base ideológica indica a existência de inúmeros estereótipos sobre beleza e feiura. Há dois protótipos: um sempre associa a feiura a traços negativos, como a maldade e o horror, considerados sinônimos da Fera; o outro frequentemente associa a beleza à bondade e ao poder. A construção de ambos estereótipos levam o leitor – mais especificamente, as crianças – a desejar atingir essas boas características. Isto mostra como a literatura, a arte e a mídia podem construir e impor modelos de comportamento que excluem aqueles que não os seguem e assumem modos de viver diferentes e alternativos.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Estereótipos. Padrões sociais. Beleza. Feiura.

LESSA, Taiara Pereira Oliveira. **Estereótipos de beleza e feiura no conto infantil “A Bela e a Fera”**. ‘Stereotypes of beauty and ugliness in the children's tale “The Beauty and the Beast”’. 2017. 27f. Final Composition – Underdegree Course on Letters and Linguistics. Caetité: UNEB / DCH – Campus VI.

ABSTRACT

Children's tale about the love story of a princess and a beast, first published on 1757, present in the imaginary of children all over the world, "Beauty and the Beast" brought many versions and, sometimes, adaptations to the cinema that made this one of the best-known tale for children. A little deeper analysis of the tale on its ideological bases points to innumerable stereotypes about beauty and ugliness. There are prototypes: one always associates ugliness to negative characteristics, like evil and horror, taken as synonyms of the Beast; the other often associates beauty to other elements, such as kindness and power. The construction of both stereotypes leaves the reader – more specifically the children – to wish reaching these good characteristics. It shows how literature, art and media can build and impose behavior models that exclude those who don't follow them and assume different and alternative ways of living.

Keywords: Children's literature. Stereotypes. Social patterns. Beauty. Ugliness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DE LITERATURA	11
3. ESTEREÓTIPOS DE BELEZA E FEIURA NO CONTO INFANTIL A <i>BELA E A FERA</i>	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Ao longo da graduação, sempre tive o interesse em trabalhar com Literatura nos mais diversos aspectos. Porém, a partir da proposta da disciplina O Estético e o Lúdico na Literatura Infanto-Juvenil e em conversas com a professora, surgiu o interesse e a necessidade em estudar a Literatura Infantil e dentro dela analisar o conto “A Bela e a Fera”, dando enfoque à visão ideológica criada pelo mesmo, de que os padrões de beleza europeus são os únicos vigentes na sociedade.

Embora haja uma infinidade de trabalhos sobre Literatura Infantil, essa questão dos estereótipos de beleza não tem sido bem explorada como objeto de estudo. Ademais, com a pesquisa ora proposta, intentamos a investigar como esses estereótipos se refletem em nossa sociedade e principalmente nos leitores deste conto.

Nesta pesquisa, tendo como objeto de estudo as perspectivas citadas anteriormente, tivemos por objetivo geral compreender de que forma os estereótipos de beleza e feiura presentes no conto infantil “A Bela e a Fera” de Beaumont (2014) e Rudnick (2017) ressoam na sociedade enquanto representação ideológica. Para cumpri-lo, buscamos atingir os seguintes objetivos:

- apresentar um panorama da Literatura Infantil;
- discutir o conceito de estereótipos;
- traçar um panorama histórico da beleza e da feiura;
- analisar os estereótipos de beleza e feiura presentes no conto “A Bela e a Fera” e como eles se refletem na sociedade.

Nossa pesquisa foi de natureza documental (o texto literário visto como documento de uma época), teórico-prática (parte de uma revisão de literatura para a descrição e interpretação de um objeto, revendo a teoria), com abordagem qualitativa ao objeto, aquela que versa sobre dados não quantificáveis.

Isto posto, cabe-nos dizer que este trabalho se divide em quatro seções, a saber:

1. esta Introdução;
2. uma Revisão de Literatura;
3. uma com a análise de dados, intitulada “Estereótipos de Beleza e Feiura no conto infantil *A Bela e a Fera*”;
4. as Considerações Finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Literatura Infantil é uma arte abrangente, um fenômeno de expressão que representa o mundo como um todo. É uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo: de um lado, expressa a experiência do autor; de outro, provoca e desperta algo novo no leitor. Ela enriquece a imaginação e a fantasia da criança, cultiva a liberdade de espírito. Ela demarca um conjunto de produções literárias a toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio de palavras. Define-se não apenas pelo texto resultante dessa manifestação, mas também por se destinar a um público específico, o qual tem características determinantes.

A partir disto, pode-se entender então, que a literatura infantil vai muito além do que apenas livros que se dediquem às crianças e adolescentes, ela é um meio extremamente eficaz de se pensar o mundo e o que está em nossa volta de uma forma diferente; é um agente fundamental para a formação de leitores críticos e principalmente de seres pensantes.

É a literatura infantil que irá exercer o papel de capacitar a criança, ou o adolescente a se relacionar com o outro, fazendo-o assim, um agente transformador do meio em que ele está inserido.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p.27)

Essa Literatura surgiu através da necessidade de se transmitir acontecimentos, ideias e, através da contação de histórias, foi-se buscando um meio de repassar para as novas gerações as experiências e principalmente a herança cultural de um povo, para que estas não se perdessem com o tempo.

A literatura infantil é originária das fábulas principalmente as orientais, que foram transmitidas às gerações posteriores, oralmente, desde séculos antes de Cristo. Ainda hoje os escritores de contos infantis vão buscar inspiração para suas obras em histórias contadas pelo povo árabe, persas, indianos, judeus e egípcios. A fábula é uma das expressões folclóricas que, assim como as histórias populares, tinham o objetivo de ensinar a vida, a moral, a política, a religião através de proezas de heróis e bandidos.

Os primeiros livros infantis vão surgir por volta do século XVII com o lançamento da obra de Charles Perrault, que consistia em contos de fadas resultado do recolhimento de narrativas populares que eram adaptadas e ganhavam valores da classe burguesa. Antes disso, a criança era vista como um adulto em miniatura, que participava e compartilhava dos mesmos eventos destinados aos adultos, inclusive da mesma literatura.

Perrault conseguiu transformar essas narrativas em histórias cheias de fantasia e mágica, imortalizando-as na memória das crianças daquele tempo, até os dias atuais.

É no clima de valorização da antiguidade clássica que as narrativas estarão imersas. Logo, a literatura infantil que floresceu nessa época traz consigo estes altos objetivos. As fábulas de La Fontaine dão prova disso. Seus argumentos se baseiam em autores gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas renascentistas e medievais. Contudo, a riqueza dos escritos literários desse autor, como de tantos outros, acabou por se perder nas várias traduções e, principalmente, pelas adaptações. A linguagem poética, bem como o argumento ou a moral, se encontram adulteradas. O que permanece são os dilemas humanos reinterpretados de acordo com o pensamento de cada época, totalmente distinto das possíveis intenções do autor.

Já por volta do século XIX surgem os contos dos Irmãos Grimm, narrativas de cunho popular, reunidas pelos pesquisadores Wilhelm e Jacob Grimm.

Os contos dos Grimm apresentam uma grande diferença em relação à obra de Perrault, já que se preocupavam em preservar o patrimônio cultural alemão, e estar ao alcance de todos e não se destinavam à leitura da corte, como no caso de Perrault. Suas obras apresentavam uma linguagem mais próxima da oralidade, se aproximando da realidade que era falada pelos camponeses.

Durante esse período, a literatura infantil será marcada pela transição do período clássico para o romantismo, culminando com o aparecimento da infância no século XIX. Ela se caracterizará pelos livros de aventura, primeiramente escritos para os adultos e posteriormente adaptados para o universo infanto-juvenil. Estes livros têm como principal argumento a exaltação da liberdade individual, a valorização do progresso e da técnica, a busca pela satisfação pessoal.

Mais à frente, o dinamarquês Hans Christian Andersen, vem para revolucionar os contos de fadas. Sua escrita apresenta uma grande diferença em relação à de

Perrault e dos irmãos Grimm, ele não se limitou apenas a recontar histórias que saiam da boca do povo, ele foi além e criou várias histórias novas, seguindo o modelo dos contos tradicionais, mas trazendo também sua marca individual e única, que eram uma espécie de mistura de uma visão poética com um certo tom de melancolia. Já as novelas demonstram a influência do individualismo burguês, focalizando a importância da ação humana na transformação do mundo e de suas capacidades para auto realização.

É importante salientar o que Coelho (1991) diz que a Literatura Infantil, valoriza a imaginação e a fantasia e foi construída a partir de narrativas orais transmitidas pelo povo. Essas histórias foram escritas em livros e receberam os nomes de seus recriadores, expandindo-se através dos anos pelo mundo.

Ou seja, para a autora, Perrault, os Grimm e Andersen eram o que ela vai chamar de “coletadores de histórias”, que consistiam em transcrever as histórias anônimas que vinham sendo transmitidas de geração em geração através da oralidade.

Cademartori (1994, p.23) nos remete a refletir que:

[...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil é a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação como adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e autonomia de pensamento.

Assim como na Europa, a Literatura Infantil se instaura no Brasil, porém tardiamente, permanecendo por muito tempo sob o domínio cultural europeu. Foram décadas de traduções e produções tímidas quase que exclusivamente baseadas nas produções europeias, ou que muitas vezes consistia em textos que eram traduzidos e adaptados dos livros europeus, e circulavam em edições portuguesas e eram escritos em um português bem diferente da língua falada pelas crianças do Brasil.

Porém, em meio a toda a revolução que ia acontecendo no quadro histórico e político do país, começa-se a tomar consciência da necessidade de uma literatura própria, que valorizasse o nacional e que fosse destinada às crianças e ao público juvenil.

Até bem pouco tempo, a literatura infantil era considerada como um gênero secundário. A valorização da literatura infantil, como formadora de consciência dentro

da vida cultural das sociedades, é bem recente. Uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantil, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que a rodeia, tornando-a mais reflexiva e crítica, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado. A criança passa a ter um novo papel, motivando o surgimento de objetos industriais (o brinquedo) e culturais (o livro), e o aparecimento da psicologia infantil, pediatria e pedagogia.

A literatura infantil tem o poder de suscitar o imaginário, de responder as dúvidas em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e instigar a curiosidade do pequeno leitor.

Somente no início do século XX que autores consagrados na “literatura adulta” como Olavo Bilac e José de Alencar, passam a se dedicar à literatura infantil. Porém, a revolução na literatura infantil brasileira acontece com Monteiro Lobato, que introduz uma série de novos elementos tanto formais como em conteúdo

Ele abre as portas da literatura infantil. O escritor de Taubaté foi o autor que criou obras destinadas às crianças, em um tempo e espaço determinado. Retratou o Brasil de sua época, o sistema social vigente, seus valores, comportamentos, organização política e funções e rompeu com um tipo de literatura ideológica até então consumida pelas crianças brasileiras, em sua minoria, visto que a maioria estava privada do acesso aos livros. Contra os padrões iniciais da literatura infantil voltada aos preceitos sociais da burguesia medieval, Monteiro Lobato rompe com os estereótipos burgueses, com padrões prefixados do gênero, e cria um mundo para as crianças que não se constitui no reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e preconceitos da situação histórica em que a literatura era produzida.

No início, as obras de Lobato eram praticamente solitárias no que diz respeito a essa nova produção literária destinada ao público infantil. Com o passar do tempo essas produções começaram a interessar as editoras que se dedicavam quase que exclusivamente ao mercado constituído pela infância.

Vale destacar que em certo período as obras de Monteiro Lobato foram grandemente criticadas, chegando a serem proibidas em alguns colégios. As obras lobatianas, foram condenadas no Brasil por apresentarem “distorções” ou livres interpretações da história.

As obras de Lobato representam a sua época, acrescentando à Literatura Infantil, valores, comportamentos, representação da realidade com detalhes e a valorização do relacionamento entre as personagens, misturando imaginação com o material, o autor apresenta suas histórias como algo possível de acontecer.

A literatura dessa época apresenta muitos aspectos herdados de Lobato: a preocupação com a reflexão crítica, a linguagem inovadora, o humor como instrumento desmistificador etc.

O autor faz uma verdadeira renovação no campo da literatura infantil brasileira, o que antes consistiam apenas em traduções e adaptações dos clássicos europeus, agora ganham uma nova cara; as crianças se sentiam identificadas com o que era narrado nas obras, sentiam-se a vontade dentro das situações e dos ambientes os quais lhes eram apresentados através desses livros, onde o real e o fantástico se fundiam em uma única realidade.

Monteiro Lobato não é apenas um marco na Literatura Infantil brasileira, mas sim, sua referência máxima; suas obras trazem antes, uma vasta pesquisa das diversas linguagens utilizadas em seus textos, nunca deixando de lado a aprendizagem. Seus livros encantam, incentivam a imaginação, a inteligência, educando até hoje os leitores que se aventuram pelo sítio do Pica Pau Amarelo.

Apesar de todos esses benefícios adquiridos através dessa literatura, ela, assim como todo meio de linguagem que é transmitida, tem todo um viés ideológico escondido, principalmente quando se trata de clássicos infantis. Com sua linguagem que encanta e atrai o público infantil, ela consegue ocultar uma série de estereótipos que muitas vezes impõem de maneira implícita algo que não é perceptível ao olhar daquele público para o qual esse tipo de obra foi destinada. Mas quando falamos em estereótipos faz-se necessário entender o que são e como surgiram.

O termo estereótipo vem do grego *stereos* 'sólido' + *typos* 'impressão, molde'; donde 'impressão sólida', passando a designar, nas línguas modernas, como o português, imagens pré-concebidas, construídas socialmente, representações generalizadas, compartilhadas por um grupo em relação a outro grupo, e que atribui ao sujeito e/ou grupo valores, na maioria das vezes, negativos e prejudiciais ao seu pleno desenvolvimento. Assim, segundo Freire, "Os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história". (FREIRE, 2004, p. 47)

Esses julgamentos prévios fazem com que essas representações sejam frequentemente tomadas como modelo pela sociedade, modelo esse, que, muitas vezes podem ser interpretados de maneira extremamente negativa, perpetuando-se e, cada vez mais, criando uma espécie de círculo vicioso de preconceitos contra determinada coisa.

Foi a partir do desenvolvimento das sociedades que os estereótipos foram nascendo e padronizando alguns aspectos relacionados ao homem e suas ações. Com o passar do tempo, esses modelos que eram criados iam se repetindo e se transformando em padrões e ideias preconcebidas pelas sociedades.

Vale ressaltar que o estereótipo muitas vezes é confundido com o preconceito, uma vez que o estereótipo acaba se convertendo em rótulos, muitas vezes pejorativos e causando impacto negativo; enquanto o preconceito é algo que na maioria das vezes não é uma coisa convencional e sim algo que muitas vezes já é intrínseco na sociedade.

Dentro da amplitude de estereótipos existentes na sociedade, o que interessa aqui é falar sobre apenas dois deles: a beleza e a feiura:

Ao longo da história, o ser humano fez tudo o que fosse possível para conseguir alcançar o estereótipo de beleza estabelecido no seu tempo. Percebe-se que não existe uma escusa válida para não fazer parte desse processo, nem perfeição que não precise da estética, afinal, não existe nenhuma pessoa que não possa ser ainda mais bonita do que já é. (DÜRER, 1993 apud ETCOFF, 1999)

Quando falamos de estereótipos relacionados à beleza, estamos falando de um padrão incutido na sociedade sobre os aspectos físicos dos indivíduos e que geralmente são pautados em dois parâmetros: o corpo e o peso.

Sabe-se que o padrão de beleza vigente hoje no mundo é basicamente um padrão europeu. A mulher bonita é aquela alta, magra, branca, com traços finos e proporcionais. A mulher moderna é caracterizada por ser parte de uma influência social mais conhecida como “padrão inatingível de beleza”, em que a magreza e a juventude são exigências de uma sociedade de aparências e consumo.

Aparentemente beleza e feiura são conceitos com implicações mútuas, e, em geral, entende-se a feiura como o oposto da beleza, tanto que bastaria definir a primeira para saber o que seria a outra. No entanto, as várias manifestações do feio através dos séculos são mais ricas e imprevisíveis do que se pensa habitualmente.

Isso porque os estereótipos de beleza foram sendo alterados com o tempo e antigamente beleza e feiura andavam lado a lado e o padrão considerado aceitável era completamente diferente dos tempos atuais. Segundo Eco , “Cada cultura, ao lado de uma concepção própria do Belo, sempre colocou a própria ideia do Feio, embora em geral seja difícil estabelecer pelos vestígios arqueológicos se aquilo que está representado era realmente considerado feio [...]”. (ECO, 2004, p. 131)

O que era considerado feio para uns era o padrão de beleza para outros e vice-versa. O fato de se estar acima do peso por exemplo, transmitia a ideia de saúde, poder, significava que a pessoa tinha dinheiro suficiente para comer muito. O que é completamente diferente nos dias atuais, onde cada vez mais se busca a magreza, um corpo considerado “ideal”. Assim, “dizer que belo e feio são relativos aos tempos e às culturas (ou até mesmo planetas) não significa, porém, que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidos em relação a um modelo estável”. (ECO, 2014, p. 15)

Aquilo que era tido como feio, nada mais era do que deformidades físicas, aquilo que era diferente, que fugia dos moldes estabelecidos até então. E isso começou a tomar maiores proporções devido às representações artísticas de determinadas épocas, onde esses “defeitos” eram representados de uma forma que pareciam ainda maiores e conseqüentemente piores do que realmente eram.

Houve um tempo em que até mesmo as doenças andavam entrelaçadas com a feiura, principalmente quando essas enfermidades causavam algum tipo de deformação no indivíduo, o que era constantemente exposto em obras daquela época:

O fascínio pela doença afirma-se igualmente nas artes figurativas, seja quando o artista representa, idealizando-o, exausto abandono de uma beleza às portas da morte ou o lento decurso de uma enfermidade, seja quando representa de maneira realista os excluídos da sociedade, fragilizados por aqueles males denominados, velhice ou pobreza. (ECO, 2014, p. 302)

O feio também estabelecia um constante elo com a classe social na qual a pessoa estava inserida, beleza e poder andavam lado a lado e esse fator econômico pesava muito quando ia se determinar os protótipos a serem seguidos:

O feio é também um fenômeno cultural. Os membros das classes “altas” sempre consideraram desagradáveis ou ridículos os gostos das classes “baixas”. Poderíamos dizer, é certo, que os fatores econômicos sempre pesaram nestas discriminações no sentido em que a elegância sempre foi associada ao uso de tecidos, cores e pedras caríssimos. Mas muitas vezes o fator discriminante não era econômico, mas cultural. (ECO, 2014, p. 394)

Levando em conta a relação de beleza da mulher brasileira ao longo da história e as preferências de um tipo de beleza junto à constante preocupação pela estética, podemos inferir que existe um padrão inatingível de beleza em nossa sociedade. Um padrão presente nas diversas áreas de nossa vida, sinônimo de sucesso e felicidade, que as vezes não percebemos.

Quando as mulheres enxergam o tipo de mulher que desejam ser, a maioria delas está influenciada por esse estereótipo. A sociedade brasileira possui uma alta relação com a estética desde tempos antigos, em que sacrifícios por perfeição não foram evitados. Nesse sentido, “na concepção neoclássica, como de resto em outras épocas, a Beleza é vista como uma qualidade do objeto que percebemos como belo e por isso recorre-se a definições clássicas, como “unidade na variedade” ou “proporção e “harmonia” (ECO, 2004, p.275). Isto quer dizer que, a beleza é vista como forma de objeto e os padrões estabelecidos durante o tempo são internamente ligados a ideia de equilíbrio entre uma coisa e outra.

A mídia, a literatura e a arte de uma forma geral exercem uma influência muito grande em relação a esses padrões pois aquilo que elas representam estabelecem protótipos que são fielmente seguidos pela sociedade de acordo com o contexto em que se encontram inseridos.

Nesse caso em específico, trataremos destas influências dentro da Literatura Infantil, mais especificamente dentro do conto infantil “*A Bela e a Fera*” e discutiremos os reflexos destas influências na sociedade, o que será feito na próxima seção.

ESTEREÓTIPOS DE BELEZA E FEIURA NO CONTO INFANTIL *A BELA E A FERA*

Conto francês do século XVIII, “A Bela e a Fera” foi originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, mas tornou-se mais conhecido em sua versão de 1757 de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont; sendo considerado o primeiro texto da Literatura Infanto-juvenil.

Assim como a maioria dos textos de literatura Infantil, esse conto ganhou inúmeras versões das quais iremos analisar duas, uma mais antiga com tradução do ano de 2014, outra mais atual, do ano de 2017. Ambas as versões, apresentam estereótipos acerca de beleza e feiura, estereótipos esses que muitas vezes se instauram em nosso inconsciente sem que percebamos e refletem em nosso meio social de maneira sutil, porém deixando marcas profundas.

O início do conto, logo quando a personagem principal nos é apresentada, já nos faz refletir a respeito do protótipo de beleza estabelecido e como esse protótipo muitas vezes está associado a outros elementos como a bondade, por exemplo:

Suas filhas eram lindas, mas a caçula; sobretudo, era admirada por todos. Quando pequena, era chamada de Bela. De modo que o nome permaneceu, provocando muita inveja em suas irmãs. Essa caçula, que era mais bela que suas irmãs, também era mais bondosa que elas. (BEAUMONT, 2014, p. 17)

Aqui, é possível observar que o próprio nome da personagem faz relação com esse estereótipo e que por isso, ela causava admiração por ser o padrão que sempre se buscava alcançar.

A questão da relação entre beleza e bondade é algo que vem desde a antiguidade e que, a partir da literatura, toma uma proporção maior e mais forte. Como é perceptível no trecho de Beaumont (2014, p. 19): “Bela é uma moça tão boa! Ela falava com os pobres com tanta bondade, era tão meiga, tão honesta!”

O fato de Bela ser tão linda quanto bondosa faz com que reforce-se o estereótipo de que beleza e bondade andam sempre juntas e que portanto, para se alcançar uma tem que alcançar a outra. É esse pensamento que irá influenciar o leitor a querer se padronizar para se encaixar nesse modelo que é imposto a partir da criação da personagem:

A personagem é o elemento decisivo da enfação, pois nela se centra o interesse do leitor. Adultos ou crianças, todos nós ficamos preso àquilo que *acontece* às personagens ou àquilo que elas *são*. [...] A *personagem* é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as *possibilidades de existência* permitidas ao homem ou à condição humana. (COELHO, 2000, p. 74, grifos da autora)

Ou seja, a personagem projeta um modelo perfeito que leva o leitor a querer segui-lo a todo custo.

Quando o conto apresenta a história da Fera/Príncipe e de como ele foi enfeitado¹, vemos mais uma vez a questão de um modelo de beleza sendo imposto: “Afim, o príncipe não convidava qualquer um para suas festas. Ele recebia apenas aqueles que julgava belos o suficiente para estarem em sua presença” (RUDNICK, 2017, p. 7). Aqui é perceptível que um padrão mais uma vez é estabelecido e que somente aqueles que se adequassem a este seriam dignos de conviver com o príncipe.

É possível perceber a relação entre beleza e poder que vem desde os tempos antigos e que aqui é evidenciada a partir deste personagem que representa a nobreza dentro do conto.

Em outro trecho, percebemos mais uma vez a ideia de que só quem é belo deve estar entre os nobres: “Este é um lugar para a beleza. – Você é feia demais para o meu castelo. Para o meu mundo. Para mim”. (RUDNICK, 2017, p. 13). Neste trecho, o príncipe mostra-se indignado com o fato de uma mulher que ele julga extremamente feia ousar estar no mesmo lugar que alguém tão belo como ele. Aqui essa relação beleza/poder é ainda mais reforçada pela ideia de que quem não se adequa a um padrão estabelecido, jamais deve estar no meio daqueles pertencentes a este padrão.

Estes estereótipos são notórios na apresentação de outro personagem importante do conto, o galanteador Gaston², visto por muitos da aldeia como um herói, forte, másculo e que atraía olhares por onde passava:

Gaston adorava receber atenção. Ele vivia para isso, na verdade. Desde garotinho, buscava maneiras de ser o centro de tudo. Ele andou antes de todos da sua idade. Ele falou primeiro e, conforme foi ficando mais velho, tornou-se mais alto e mais belo que qualquer um. Com seus cabelos escuros, olhos penetrantes e ombros largos, era realmente bonito. (RUDNICK, 2017, p. 27)

¹ Trecho apresentado apenas nas versões mais atuais; na utilizada nesta pesquisa, aparece no prólogo.

² Personagem que aparece apenas nas versões mais recentes do conto como um possível pretendente de Bela e que mais tarde se tornará o vilão da história.

Aqui, mais uma vez, um estereótipo é reforçado. O herói assim como a princesa, tem um padrão de beleza definido: sempre galante, provoca suspiros em todas as suas pretendentes, não apenas por ser belo, mas também por sua audácia que o leva sempre a ser vitorioso em toda e qualquer situação conflituosa.

Gaston era o herói que todas as moças da aldeia queriam conquistar, porém ele só tinha olhos para Bela, a única que ele julgava boa o suficiente para ser sua esposa: “Bela é a garota mais bonita da aldeia. Isso faz dela *a melhor*”. (RUDNICK, 2017, p. 29, grifos da autora). Aqui o adjetivo *melhor* é antecedido do artigo de forma que tenha ainda mais peso deixando claro que Bela é superior às demais moças da aldeia, pelo simples fato de ser bonita.

Apesar de todos os esforços de Gaston e de ele intitular Bela como a única boa o bastante para ele, suas tentativas não resultam em nada pois ela não sente interesse algum por ele, deixando-o incrédulo com a situação.

Em ambas as versões, o encontro do pai de Bela com a temida Fera se dá por causa de um elemento que rodeia o conto, a rosa³. O pai de Bela apanha uma rosa para levar de presente para sua amada filha e é nesse momento que se dá o desenrolar da história de amor das duas personagens.

Quando Maurice vai apanhar a rosa que Bela tanto desejava, a figura de uma criatura horrenda aparece em sua frente:

Diante dele a sombra tomou forma. Era vagamente humana, mas conforme se arrastou para mais perto. Maurice viu que se tratava de uma gigantesca criatura peluda. Ela andava sobre as patas traseiras e vestia um manto esvoaçante e calças azuis, mas as semelhanças terminavam aí. (RUDNICK, 2017, p. 59)

Essas características são ainda mais reforçadas quando é a vez de Bela ficar de cara com a criatura para tentar salvar o seu pai:

Parada diante dela estava uma criatura enorme, diferente de todas que Bela já tinha visto. Grandes chifres brotavam de sua cabeça, e seu maxilar se projetava para a frente. O corpo todo era coberto de pelos castanho-dourados e músculos rígidos. Foi difícil para Bela dizer o quão grandes eram as patas dianteiras daquele ser, uma vez que estavam cerradas em punhos, mas as patas traseiras eram largas e compridas, com garras afiadas que brilhavam quando a luz as atingia. A palavra *fera* veio à sua mente quando ela a

³ Este elemento se faz presente mais fortemente por que o feitiço lançado sobre a o Príncipe teria que ser quebrado quando a última pétala caísse ou ele ficaria como Fera para sempre.

encarava. A criatura parecia ter saído de um pesadelo: o monstro à espreita dos contos de fadas que ela lera na infância. (RUDNICK, 2017, p. 67)

Nesta descrição, é perceptível a associação das características tidas como feias à denominação da criatura como monstro, como fera. A partir daqui já se cria um estereótipo de oposição ente a beleza e a feiura. Onde Bela representa tudo o que há de bom e bonito enquanto a Fera é sinônimo de maldade, de horror.

Todos no castelo notam logo o quanto ela é bonita e começam a pensar que ela pode ser a salvação para o feitiço, se conseguirem fazê-la se apaixonar pela Fera. A Fera inicialmente a trata com ataques de fúria, a obrigando a jantar com ele, não muito diferente de Gaston. Bela o enfrenta e se recusa a jantar, mas ele se vinga ordenando que os criados a deixem passar fome. Porém eles desobedecem suas ordens na esperança de que Bela possa ver as possíveis qualidades escondidas no fundo daquela criatura e que assim se apaixone por ela quebrando o feitiço: “O mestre não é tão terrível quanto parece. Em algum lugar no fundo de sua alma, há um verdadeiro príncipe, esperando ser liberto”. (RUDNICK, 2017, p. 106)

O comportamento extremamente abusivo da Fera era tratado por todos os personagens do castelo⁴ como meros ataques de nervos que ele pode aprender a controlar se se esforçar o bastante. Para ser mais eficiente, os criados aconselham a Fera a ser gentil com Bela e conquistá-la com cavalheirismo e presentes. E assim ele faz.

Quando Bela finalmente aceita o convite da Fera para jantar, percebemos que alguns estereótipos ganham ainda mais força nas falas destas personagens:

- Diga-me uma coisa: você me acha muito feio, não é?”
- É verdade – disse Bela – pois não sei mentir, mas acho você muito bom”.
- Você tem muita bondade – disse Bela”.
- Confesso que estou feliz com o seu bom coração. Quando penso sobre isso, você não me parece tão feio. (BEAUMONT, 2014, p. 20)

Percebe-se aqui mais uma vez a relação estabelecida entre beleza e bondade; quando Bela percebe que a Fera não é tão má quanto ela pensava, é como se todas as características físicas de feiura se atenuassem e a bondade fizesse com que ele ficasse mais belo aos olhos dela.

⁴ Estes personagens não aparecem na versão mais antiga do conto. Quando o castelo é citado só aparecem a Bela e a Fera.

Logo após essa aproximação, Fera pretende se declarar, na esperança que Bela faça o mesmo e assim quebre o feitiço. Mas ela se mostra triste e diz sentir saudade do pai. Fera empresta o espelho mágico para que ela possa ver como o pai está e matar a saudade. Mas o pai está doente e ela se desespera. A Fera então fica com dó e resolve finalmente libertá-la para que ela possa cuidar do pai, como se ele estivesse fazendo o maior favor do mundo, o maior ato altruísta abrindo mão de quebrar o feitiço por ela. Ela vai embora e ele entra em profunda tristeza. Os serviçais do castelo ficam tristes também, com sua única esperança de voltar a serem humanos indo embora.

Ao voltar para casa para cuidar do pai, Bela é surpreendida por uma emboscada de Gaston. Ao saber da Fera, ele lidera um grupo de aldeões em direção ao castelo, para matar a Fera como um animal de caça. Só que a Fera está deprimida e não reage, talvez pensando que deve ser melhor morrer do que continuar vivendo como fera. Mas os criados do castelo resistem e enfrentam os invasores. Nesse momento Bela volta ao castelo disposta a impedir que Gaston faça algo contra a Fera; ele se revolta com Bela por ela querer salvar aquela criatura horrenda: “- Você prefere essa coisa deformada a mim... *quando lhe ofereci tudo?*” (p. 185) aqui fica evidente a indignação de Gaston ao ser trocado por alguém de características físicas completamente inferiores às suas. O que ele esperava e que fica evidente desde o início, é que Bela se casasse com ele, que era o único belo o suficiente para ela.

Após esse conflito, Gaston acaba caindo do alto do castelo, mas antes disso consegue ferir a Fera, o que causa total desespero em Bela. É nesse momento que ela percebe que o amava de verdade e quando ela achou que a Fera estava prestes a partir, resolveu declarar esse amor, é aí que o encanto se desfaz:

De repente, houve um clarão de luz, e uma das patas da Fera se transformou em sua mão. Bela colocou-se de pé, observando atenta.

Mais lampejos de luz se seguiram conforme as outras partes da Fera se tornavam humanas. Finalmente, ele estava deitado no chão, com a transformação completa. [...] Ela encarou fascinada o homem à sua frente. Ele ainda estava usando as mesmas roupas que vestia enquanto Fera. Tinha os mesmos olhos azuis penetrantes, que agora estavam bem abertos e cheios de preocupação enquanto lágrimas escorriam em seu rosto.

O coração de Bela parecia prestes a explodir de emoção. Ela sabia, do fundo de sua alma, que aquela era a forma humana da Fera por quem havia se apaixonado. (RUDNICK, 2017, p. 198)

Fica perceptível que todos os estereótipos apresentados até aqui se reforçam com a quebra do encanto, quando a Fera finalmente se adequa ao protótipo de beleza,

ou seja, ele também fica belo para conseguir o seu final feliz. Fica claro também que a Bela no fundo sabia que não havia se apaixonado por aqueles atributos de monstro e sim pela forma humana que ela sempre imaginou existir dentro dele, o que nos leva a pensar que alguém belo jamais poderia se apaixonar por alguém que não estivesse dentro de seus padrões.

A beleza de Bela é ressaltada o tempo inteiro pelos outros personagens. Seu próprio nome se refere à sua beleza. E, claro, ela está totalmente dentro do padrão estético europeu, inclusive com sua cintura impossivelmente fina, característica de todas as princesas de contos de fadas. Ninguém elogia Bela pelo seu intelecto ou por sua integridade moral, apesar do conto apresentar essas características como qualidades. Gaston se apaixona por ela apenas por causa da beleza, e a Fera idem, é a única coisa que mencionam sobre ela. E parece ser a que mais importa.

É toda essa exaltação exacerbada acerca das características físicas dessa personagem que faz com que o leitor do conto, mais especificamente as crianças, queiram atingir esse protótipo que é colocado. Toda menina gostaria de ser magra, alta e de ter cabelos longos e sedosos, o que nos faz perceber que um conto escrito em 1757 já refletia o que vemos em pleno século XXI, a mídia, a literatura e vários outros tipos de artes impondo um molde que deve ser seguido à risca por toda a sociedade e que aqueles que não o seguem são deixados de lado por serem “diferentes” do que é considerado o aceitável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findado o percurso da pesquisa, cabe-nos avaliar em que medida cumprimos o que nos propusemos realizar. Assim, retomando os objetivos traçados, podemos afirmar que, ao fazer um percurso pela história da Literatura Infantil vemos vários traços de estereótipos em praticamente todas as épocas, traços esses que nos fizeram chegar a entender o que eram esses estereótipos e de que forma eles interferiam nessa Literatura.

No que diz respeito a beleza e feiura, foi perceptível que ambas se dissociaram em determinadas épocas e chegaram a se fundir em outras. Mas o que ficou realmente claro é que os padrões sempre existiram desde a antiguidade, até os tempos atuais e que a Literatura, a pintura e as mais variadas artes sempre foram as principais responsáveis por ditarem as regras a serem seguidas.

Já em relação ao conto, foi notável a presença de vários estereótipos relacionados à beleza e à feiura. Ficou claro que a personagem Bela era o oposto da Fera e que, para que ambos ficassem juntos, era necessário que houvesse uma adequação de padrões, que ocorre no final do conto. A história apresenta essa personagem como um modelo a ser seguido e esse modelo é exaltado a todo instante.

Os reflexos desses estereótipos despertam no leitor o desejo em seguir exatamente o protótipo que é colocado no conto, fazendo com que haja uma busca cada vez maior pela adequação de padrões.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince de. **Bela e a Fera**. São Paulo: Poetisa, 2014.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. 3.ed. São Paulo: Quiron, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infanto-Juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil Contemporâneo**. Barueri: Manole, 2010.
- COSTA, Marta. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil, 2005.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 17.ed São Paulo: Ática, 1998.
- ECO, Humberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- ECO, Humberto. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2014b.
- ETCOFF, Nancy. **A Lei do Mais Belo: a ciência da beleza**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipos e representação das minorias. **Eco-pós**, v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004.
- MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas**. De Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- Padrões de Beleza**. Disponível em: www.cinecasulofilia.blogspot.com.br. Acesso em: 23 de março de 2016.
- PASQUALINI, Joseni Terezinha Frainer. **Caderno de estudos: literatura infantojuvenil**. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2007.
- RUDNICK, Elizabeth. **A Bela e a Fera**. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.
- SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1985.